

XUL SOLAR E O BRASIL. SOBRE UMA BIBLIOTECA MUITO PARTICULAR

Por *Maria Bernardete Ramos Flores*

RESUMEN:

El artículo aborda el conjunto de 58 obras sobre el Brasil, que se encuentra en la Biblioteca de Xul Solar en Buenos Aires, y relativiza el interés que el artista habría tenido por el país vecino. El dato más interesante aparece cuando se verifica que un 60% del llamado *Núcleo Brasil* se compone de obras publicadas en las décadas de 1930 y 1940, cuando los intelectuales se dedicaron al “problema racial” brasileño y a la cuestión de la “lengua nacional”. La conclusión es que la utopía de Xul de la invención de la nueva lengua –o *neocriollo*– y de la construcción del “nuevo hombre” que América Latina daría al mundo aproximó las indagaciones del artista a las interpretaciones del Brasil mestizo, *pari passu*, junto con la cuestión de la unidad de la lengua. Más que llevado por un interés en sí hacia el Brasil, Xul estudió lo “local” en la cultura de América Latina, para extraer de ello elementos destinados a la construcción de su mundo universal.

ABSTRACT:

Xul Solar e o Brasil. Sobre uma biblioteca muito particular

The article discusses the set of 58 works on Brazil, which appears in Library of

Universidade
Federal de Santa
Catarina

RECIBIDO: 20/11/09
ACEPTADO: 16/02/10

Xul Solar, Buenos Aires, thus regarding the interest that the artist would have the neighboring country. The most compelling fact is that 60% of its Brazil collection, called *Núcleo Brasil*, consist of works published in the 1930s and 1940s, when intellectuals dedicated themselves to the Brazilian “race problem” and the question of “national language”. It is concluded that the utopia of Xul on the invention of new language—the *neocriollo*—and the building the “new man”, who Latin America would give to the world, came near artist’s inquiries to the interpretations of interbred Brazil, *pari passu* with the question of the unity of language. More than a simple interest on Brazil, Xul studied the “local” in Latin American culture, to draw from it elements to the construction of its universal world.

PALABRAS CLAVE: raza, lengua, utopía.
KEY WORDS: race, language, utopia.

◆————◆

...quizás una de las mejores bibliotecas que yo he visto en mi vida, con libros en todos los idiomas.
(Jorge Luis Borges)¹

—O que é sagrado?— perguntou certa vez Goethe em um *distico*. E responde: —Aquilo que mantém unido muitas almas. (Umberto Eco)²

1. Conferencia sobre la obra de Xul Solar dictada en 1880, disponível: www.temakel.com/confborgesxul.htm, acesso: 27/012010.
2. Eco, Umberto: *A busca da língua perfeita*, traduzido por Antonio Angonese, Bauru/SP, EDUSC, 2002, p. 410.

A propósito da junção de dois artistas de vanguarda, Xul Solar (1887-1963) e Ismael Nery (1900-1934), o primeiro argentino e o outro brasileiro, na Exposição *Visões e Revelações*, na Pinacoteca de São Paulo, em 2005, Jorge Schwartz afirma:

Da assombrosa geração latino-americana das vanguardas históricas dos anos de 1920, Xul Solar (Oscar Agustín Alejandro Schulz Solari, 1887-1963) foi o único artista que incorporou o Brasil em seu imaginário de forma sistemática. Suas pinturas, suas linguagens e sua biblioteca constituíram janelas abertas para a terra brasílica³.

Conclusão a que o autor chegou, conforme esclarece em nota de rodapé, a partir da pesquisa realizada no Arquivo e Biblioteca da Fundação Pan Klub, do Museu Xul Solar, em Buenos Aires, o que lhe permitiu, inclusive, levantar hipótese sobre a existência de um “projeto brasileiro”, entre as várias utopias inventadas por Xul. O artista “nunca chegou a pôr os pés” no Brasil, porém, “sempre cultivou o interesse pelo grande e desconhecido país vizinho”⁴.

3. Schwartz, Jorge: “Xul Brasil. Imaginários em Diálogo, Módulo integrante da exposição Xul Solar *Visões e Revelações*”, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 24 de setembro a 30 de dezembro de 2005, p. 3.
4. *Ibidem*, p. 3.

Jorge Schwartz discorre sobre os dados que demonstrariam o referido interesse de Xul Solar pelo Brasil: a invenção do *neocriollo*, uma língua artificial composta basicamente do espanhol e do português; os títulos em português de alguns de seus quadros; o português aparece nas grafias plasti-úteis e nos aforismos religiosos das fachadas arquitetônicas dos anos de 1950 e início dos anos de 1960. Nos anos de 1920, a bandeira brasileira aparece em vários de seus quadros. O que mais lhe chamou atenção foi a presença de 58 títulos brasileiros, classificados como *Núcleo Brasil*, em sua “fecunda biblioteca”, de 3.500 obras⁵, entre eles, *Brasilien* de Adolf Bieler que Xul trouxera da Alemanha, dado que Jorge Schwartz toma para confirmar o interesse de Xul pelo Brasil já antes de voltar à Argentina, em 1924, depois de 12 anos na Europa⁶.

O objetivo aqui é relativizar a presença do Brasil na obra e no pensamento de Xul Solar, relendo os materiais pesquisados por Jorge Schwartz, tomando-os como um *corpus* documental, e cotejando as hipóteses e conclusões levantadas pelo crítico⁷. Ao fim, veremos que não houve um “projeto brasileiro” na obra de Xul Solar; o Brasil, em si, não esteve no horizonte de Xul Solar, a não

em alguns momentos específicos de suas especulações sobre “reformas universais”; o artista nunca manteve contato efetivo com parceiros modernistas do país vizinho (pelo menos é o que se vê no estado atual do levantamento do acervo de Xul Solar⁸); o projeto latino-americano, lançado na década de vinte, permaneceu em seu horizonte, mas com um alcance que transcende o seu tempo e o local, uma utopia mais espiritual que pragmática, uma mística que prepara o futuro de fraternidade universal, junto da sua utopia pela busca de uma língua perfeita, a qual fazia parte de suas experimentações de comunicabilidade, todas focadas no seu processo individual de “sacralização lingüística”⁹.

Nas suas práticas místicas, na sua obsessão por estabelecer correspondências entre todos os saberes e entre todas as coisas do universo, no seu desejo de desenvolver práticas comunicativas, na sua atividade “profissional” de astrólogo, enfim, nas suas indagações constantes, Xul estabelecia relação intelectual e íntima com a cabala e os escritos dos místicos

5. *Ibidem*, p. 2.

6. *Ibidem*, p. 1.

7. Sobre a junção de Xul Solar e Ismael Nery, não trataremos aqui.

8. Álvaro Abós equivocou-se ao afirmar que Xul manteve contato com Mário de Andrade. Cf. Abós, Álvaro: *Xul Solar. Pintor del misterio*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 2004, p. 214.

9. Lindstrom, Naomi: “Xul Solar y la recreación vanguardista del discurso sagrado”, en *La palabra y el hombre*, New York, enero-marzo, 1988, pp. 114-126, p. 116.

judeus e cristãos, com o pensamento da antroposofia de Rudolf Steiner e com a teosofia de Helena P. Blavatsky, com explicações mítico-mágicas da cosmologia das populações indígenas pré-colombianas, com a tradição islâmica da qual recolheu representações caligráficas em forma circular, enfim, com elementos os mais díspares aparentemente, para integrá-los ao seu próprio sistema lingüístico e de reforma do homem, o qual nunca estava acabado, sempre aberto a novas invenções e incorporações¹⁰. Como sugere López Anaya, frente a um mundo que via como inadequado pela hegemonia do ra-

cionalismo, Xul ansiava por uma grande utopia transformadora do universo¹¹, como o próprio declarou certa vez:

*Al mundo cansado, aportar un sentido nuevo, una vida más múltiple y más alta nuestra misión de raza que se alza. Cada patria no debe ser algo cerrado, xenófobo, mezquino, sino solo como un departamento especializado de la HUMANIDAD, en que espíritus afines cooperen en construir la futura tierra tan lejana, en que cada hombre —ya superhombre— SERÁ COMPLETO*¹².

Em 1947, Xul Solar declarara: “Soy creador del *neocriollo*, lengua que reclama el mundo de Latino América”¹³ e repete esta afirmação com mais força em 1951:

10. Martha Rastelli de Caprotti nos relatou que à medida que Xul avançava, seu *neocriollo* ia se tornando cada vez mais sintético, na junção de elementos do espanhol, português, inglês, alemão e, inclusive, de alguns termos que parecem soar ao italiano, tornando-se gradativamente mais difícil a tradução. Entrevista: 10 de dezembro de 2009. Martha e seu marido moraram com Xul, nos últimos anos de vida do artista. Após sua morte, permaneceram em contato com a viúva, Lita, que conhecia bem o *neocriollo*, e quem deu início ao trabalho de verter para o espanhol a língua inventada pelo marido, razoavelmente partilhada por Borges e outros poucos contemporâneos. Atualmente, Martha é responsável pela casa de Xul Solar e pela tradução das palavras e frases em *neocriollo* escritas na obra pictórica de Xul e de outros textos em *neocriollo*, com exceção dos *San Signos*, a cargo de Daniel Nelson.

11. Anaya, Jorge López: “Un pintor visionario”, en *Lapiz*, Revista Internacional del Arte, n. 181, 2002, pp. 44-55, p. 52.

12. Xul Solar, Alejandro: *Pettorutti. [1923-1924]*, en Xul Solar, Alejandro: *Entrevistas, artículos y textos inéditos*, Introducción, investigación, selección y organización de Patricia M. Artundo, Buenos Aires, Corregidor, 2005, pp. 98-107, p.99.

13. Indart, Heitor N: “Xul Solar, creador del panajedres”, en *Él. Revista mensual ilustrada para el hombre y el hogar*. Buenos Aires, n. 1, enero de 1947, en Xul Solar: *Entrevistas, artículos y textos inéditos*, op. cit., pp. 71-72, p. 70.

—Soy, y esto es lo que más me interesa momentáneamente —amén de la exposición de pintura que estoy preparando—, el creador de una lengua que reclama con insistencia el mundo de Latinoamérica.

[...]

—¿Cómo se llama ese novísimo idioma?

—Criol! O neocrioll... En estos momentos y dentro de sus fronteras, América está dando al mundo convulsionado un gran ejemplo de convivencia, de confraternidad, de mutuo respeto, sobre todo entre los países de origen latino¹⁴.

Os comentaristas da obra de Xul Solar são unânimes em afirmar que o artista astrólogo místico lingüista falava do advento do “Homem Novo”¹⁵, e que a América se revelava, com seus sistemas de mitos e crenças, um espaço físico e espiritual, no qual se desenvolveria da nova humanidade. Seus momentos de maior apre-

ensão pela busca do conhecimento etnográfico e lingüístico do mundo americano são justamente os períodos de pós-guerra, quando lhe aguçara mais o sentido da exaustão européia. É nesses momentos, portanto, que o Brasil entra nas especulações de Xul Solar: década de 1920, do seu projeto americanista e de suas serpentes engalanadas; década de 1940, de sua intensa atividade espiritual, de sua série iconográfica de “homens voadores” que alçam os céus e de suas paisagens de paleta cromática limitada ao branco, ao negro e ao ocre, lugares de quietude e reflexão, de desmaterialização do corpo humano, da busca do cosmo.

2 años y 229 libros

Nosso (patriotismo?) é encontrar o mais alto ideal possível de humanidade —realizá-lo e estendê-lo ao mundo.
(Xul Solar)¹⁶

Os 58 títulos do *Núcleo Brasil* tratam de assuntos diversos, e alguns inclusive sem explicação aparente para a sua presença na Biblioteca de Xul Solar. A parte mais representativa do conjunto refere-se aos dois temas hegemônicos tratados nas décadas de 1930 e 1940: a ques-

14. Sheerwood, Gregory: “Gente de mi ciudad: Xul Solar, campeón mundial de panajedrez y el inquieto creador de la ‘panlingua’”, en *Mundo Argentino*, Buenos Aires, 1º de agosto de 1951, en Xul Solar: *Entrevistas, artículos y textos inéditos*, op. cit., pp. 75-80, p. 76.

15. Entre outros autores, ver: Squirru, Rafael: “Xul Solar, astibos esotéricos” en *Catálogo do Museu Xul Solar*, 1990, pp. 43-50; Svanascini, Osvaldo: *Xul Solar*, Buenos Aires, Ediciones Culturales Argentinas, 1962.

16. Xul Solar: Texto inédito, Fundação Pan Klub, apud. Gradowczyk, Mário: *Xul e Borges. A linguagem de dois gumes*, Trad. Cláudia Schilling, São Paulo, Fundação Memorial da América Latina, 2001, p. 18.

tão racial brasileira e a questão da língua nacional que se singularizava em relação ao português falado em Portugal. É aqui que a pesquisa sobre “o interesse de Xul pelo Brasil” se torna instigante. A hipótese é a de que o intenso debate da intelectualidade brasileira, situada na órbita dos projetos nacionalistas, fazendo do “problema racial brasileiro” e da “questão da língua nacional” os temas principais dos ensaios, das pesquisas, da interpretação da cultura brasileira, com vistas a propor um Brasil novo, tenha ressonância na utopia de Xul no que se refere à construção do novo homem americano, determinado a realizar as potencialidades para o mundo do porvir.

Numa síntese sobre os 58 títulos, considerados como “títulos brasileiros”, chega-se ao seguinte resultado: a) uma pequena parte trata de assuntos dispersos (nem todos sobre o Brasil, embora escritos no idioma português); b) há cinco livros sobre o integralismo brasileiro; c) a parte mais representativa trata da cultura miscigenada, híbrida, sincrética, plural, enfim, dinâmica, antropofágica, entre tradição e absorção do que vem de fora, expressa na língua portuguesa falada no Brasil, com suas influências indígenas e africanas.

Citar *Brasilien* de Adolf Bieler, que Xul comprara na Alemanha, para demonstrar o embrião de seu interesse pelo Brasil, pode causar boa

impressão quando visto de forma isolada. Mas se considerarmos que Xul Solar comprou 229 livros, entre os quais *Brasilien* de Adolf Bieler, nos dois anos de sua estada na Alemanha, entre 1921 e 1923, conforme nos mostra a monografia de Graciela Viviana Fischler¹⁷, esse dado perde a sua força.

Os livros que Xul adquiriu na Alemanha, os 229 livros listados em Munich, abrangem uma vasta área de interesse: filosofia, teosofia, antroposofia, ocultismo, esoterismo, religião, ciências naturais, anatomia, literatura, música, contos populares, mística, magia, arte européia de vanguarda, arte pré-colombiana, egípcia e africana, história e até política, numa “lista de títulos heterogêneos y yuxtapuestos entre si”¹⁸. Há livros

17. FISCHLER, Graciela Viviana: *Xul Solar. 2 años y 229 libros*, Buenos Aires, Universidad de Palermo, Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales, Licenciatura en Historia del Arte, Trabajo de Integración Final, 2005.

18. Idem, p 62. A autora classificou os livros, listados no documento manuscrito de Xul Solar de 30 de outubro de 1923, que trata da declaração apresentada na aduana alemã, nas seguintes áreas temáticas: Artes plásticas: Pintura y escultura; Artes aplicadas y artesanías; Arquitectura y urbanismo; Filosofía de la mente y del espíritu; Metafísica de la vida espiritual; Historia de las distintas Culturas y Civilizaciones del

sobre China, Índia, Japão, Rússia, México, Peru, Bolívia, Império Inca, África, Oceania, para ficar em alguns exemplos, e sobre muitos desses há mais de um título. Semelhante a outros, *Brasilien* de Adolf Bieler apresenta um caráter de cultura geral, um tanto panorâmico, turístico diríamos hoje. Há ainda na lista de Graciela Viviana Fischler, mais dois livros sobre o Brasil, comprados na Alemanha: *Anden und Amazonas: Reisen in Brasilien, Argentinien, Paraguay, Uruguay* de Ernst von Hesse-Wartegg e *Das Flussgebiet der Ribeira de Iguape im Süden des Staates S. Paulo (Brasilien)* de Gustav Stützer. E há na mesma lista *As cem melhores poesias Líricas da Língua*, publicado em Lisboa [1914?]. Esses últimos já não se encontram no acervo de Xul Solar, pois foram atingidos por um incêndio doméstico em 1964, quando aproximadamente 500 livros foram perdidos.

Ademais, há a considerar que Xul Solar lia as obras no idioma original, pois além do espanhol, alemão, italiano, francês, inglês, português, russo, guarany, que dominava, ainda conhecia latim, grego, chinês e sânscrito¹⁹. Na sua Biblioteca, o número

1956, pp. 6-7, en Xul Solar: *Entrevistas, artículos y textos inéditos*, op. cit., pp. 90-92, p. 91.

19. "Xul del Solar: un mago práctico", *Noticias*, Buenos Aires, septiembre de

de dicionários e gramáticas de diversos idiomas é considerável²⁰.

Entre os 58 livros situados no *Núcleo Brasil* encontra-se algumas gramáticas adquiridas na sua fase européia, tais como, *Gammatichetta Portuguese*, uma gramática publicada em Milão, para um italiano aprender português. Da mesma forma, *Pequeno livro de leitura portuguesa*, livro de poesias e contos portugueses com explicações gramaticais e tradução de termos e expressões para o italiano. De 1907, chama a atenção o título *Grammatica elementar da língua sueca com temas, trechos de conversação e leituras - Metodos e livros de ensino para o estudo de línguas modernas*, publicação de Hildebrando & Cia, de São Paulo²¹.

No *Núcleo Brasil*, com data de edição anterior a 1924, ano em que Xul retorna à Argentina, além dos que citamos acima, constam ainda os seguintes livros de língua portuguesa: um livro de teosofia, *As forças subtis da natureza*, do inglês Yogi

1956, pp. 6-7, en Xul Solar: *Entrevistas, artículos y textos inéditos*, op. cit., pp. 90-92, p. 91.

20. Conforme informação de Patrícia Artundo, curadora da Biblioteca Xul Solar, dezembro de 2009.

21. Como há indícios de que Xul era um frequentador de sebos (biblioteca de usados), não se pode afirmar que haja coincidência entre a data de publicação e a aquisição das obras.

Rama Prasad, traduzido para o português, por uma editora de São Paulo, em 1914; *Apontamentos de um burguez* (esse livro, em forma de aforismos, tece uma prédica a favor do liberalismo), publicado no Rio de Janeiro, no ano de 1919, de um autor que figura como Salomão; quase com as mesmas características discursivas, há um folheto de 15 páginas, com o título *Despertar: verbo de combate e de energia*, de 1920, conclamando a mocidade brasileira a combater os dominadores que farão do Brasil uma colônia e do universo uma suserania africana, cujo autor aparece como Brand; *Manual de fabricante de tecidos* da Bertrand-Francisco Alves não apresenta data de publicação, mas pelas características físicas é de se supor que seja desse período²²; *Novo manual do chacareiro brasileiro*, 1913, da Livraria Francisco Alves, de autoria de Major Bráulio Cordeiro, é um livro que, além das instruções sobre o cultivo de leguminosas, plantas ornamentais e frutíferas, esse livro apresenta vasta relação de

nomes de plantas, cada qual com a respectiva descrição. Dentro desse livro, encontra-se um cartão de livreria – *Gran Librería El Canta Claro* –, situada à Calle Corrientes, 1202, Buenos Aires, com a seguinte informação: “Compramos a domicilio toda espécie de livros”. Está claro que se trata de uma *librería de libros usados*, considerando, ainda, que nesse livro há anotações nas margens que não são da letra de Xul. Desse período também consta Machado de Assis, *Várias histórias*, da Editora Guarnier, Rio-Paris, de 1904. Há um exemplar de *Os Lusíadas*, com edição de 1881, publicado em Lisboa. O livro de Machado de Assis foi comprado em Buenos Aires. Na portada do livro há um carimbo da Aliança Francesa – Libreria HATIER, Rua Carlos Pellegrini, Buenos Aires.

Embora essa sessão de livros situados no *Núcleo Brasil*, da Biblioteca de Xul Solar, com data de edição durante os anos de Xul na Europa, apresentem um caráter um tanto disperso, já se pode perceber uma zona de interesse que se liga ao seu desejo de conhecer a dimensão espiritual das culturas e ao seu aprendizado de idiomas. Como observou Fischler, a análise da dinâmica da reunião dos livros de Xul “nos invita a sospechar, que los textos fueron elegidos para responder a una búsqueda determinada²³”.

22. Convém lembrar que Xul Solar herdou a biblioteca do pai, o engenheiro Emílio Schulz Riga que, por razões de trabalho, no final do século XIX, empreendera algumas viagens pelo interior do país e também esteve no Brasil. Cf. Artundo, Patrícia: “El libro del cielo. Cronología Biográfica y Crítica” en *Catálogo Xul Solar*, Madrid, Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 2002, p. 201-202

23. Fischler, *op. cit.*, p. 63.

Xul Solar e os modernistas brasileiros

Digamos del pintor argentino PETTORUTI, uno de la vanguardia criolla hacia lo futuro (...) Somos y nos sentimos nuevos (...) Los antiguos Cuzcos y Palenques y Tenochtitlanes se derruyeron (y tampoco somos más de sola raza roja). Veamos claro lo urgente que es romper las cadenas invisibles (las más fuertes son) que en tantos campos nos tienen aún como COLONIA, a la gran AMERICA IBERICA con 90 Millones de habitantes. (Xul Solar)²⁴

Sobre o modernismo brasileiro, Jorge Schwartz menciona, no artigo já referido, a presença de algumas obras na Biblioteca de Xul Solar: *Poemas Cronológicos* (1928), livro de poesia do grupo da revista *Verde* de Cataguases, com dedicatória de Rosário Fusco; *A Estrela do absinto* (1927) de Oswald de Andrade; dois exemplares do primeiro número da *Revista de Antropofagia* (maio de 1928) e uma carta em papel timbrado, assinada por seu diretor, Antônio de Alcântara Machado, datada de 17 de maio de 1928, convidando Xul a colaborar “entre os novos da América”. A peça mais importante, sem dúvida, é *Macunatma*, com dedicatória de Mário de Andrade (“A Xul Solar com a simpatia de Mário de

Andrade”), avalia Jorge Schwartz. E há uma carta, de 1940, endereçada a Xul, da Secretaria Geral da Educação e Cultura do Distrito Federal, informando a data e o horário de nascimento de Heitor Villa-Lobos. Com estes dados brindados por Jorge Schwartz, era de se supor, como de fato supôs a historiadora brasileira Maria Helena Capelato, em artigo que procura refletir sobre as representações visuais em obras de artistas plásticos latino-americanos, vinculados aos movimentos modernistas dos anos 1920, que Xul Solar tivera “grande interesse pelo movimento modernista brasileiro”²⁵.

Contudo, veremos que uma análise mais apurada, não só fragiliza essa tese, mas principalmente levanta a suspeita de que Xul Solar pouco ou nada fez para aproximar-se dos companheiros modernistas do Brasil, causando-nos até certa surpresa, à primeira vista. Para quem retorna da Europa, movido por um projeto “americanista”, e quer, junto com Emílio Pettoruti, produzir um impacto no meio artístico portenho e colocar a Argentina em compasso com os novos tempos, estendendo suas fronteiras culturais no continen-

24. Xul Solar: “Pettoruti” Datiloscrito original, s.f. [1924?], em Xul Solar: *Entrevistas, artículos y textos inéditos*, op. cit., pp. 98-107, p. 98-99.

25. Capelato, Maria Helena: “Modernismo Latino-Americano e construção de uma identidade através da pintura”, em *Revista de História*, Universidade de São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP, fevereiro/2006, pp. 251-282, p. 275.

te americano²⁶, os indícios de vínculos com o modernismo brasileiro são pífios, se pode afirmar. A não ser a carta-resposta, informando data e horário de nascimento de Heitor Villa-Lobos²⁷, as demais peças chegaram a Xul Solar, vindas do Brasil, por mãos de outros vanguardistas argentinos ou, talvez melhor dizendo, por mãos de Norah Borges, irmã de Jorge Borges, ambos, amigos e frequentadores da casa de Xul Solar.

Norah Borges, por intermédio de seu futuro marido, o espanhol Guillermo de Torre, colaborador da revista *Klaxon*, aproximou-se da re-

vista *Verde*, para qual fez várias ilustrações. Provavelmente, foi ela a mensageira que trouxe a Xul o livro de poesia do grupo da revista *Verde*, bem como *Macunaíma*, hipótese já levantada por Jorge Schwartz. Um dos dois exemplares da *Antropofagia*, que se encontram na Biblioteca de Xul, está endereçado à Norah Borges. Quanto a *Estrela do absinto* de Oswald de Andrade, que se encontra no acervo de Xul, o livro está dedicado pelo autor a Oscar Creydt (“Para Oscar Creydt ver que também eu ... Oswald”).

Claro que Xul Solar era conhecido no Brasil. Havia correspondência e interesses recíprocos entre as vanguardas argentinas e brasileiras, talvez menos do que esperássemos, embora o interesse fosse maior da parte do Brasil em relação à Argentina²⁸. Buenos Aires, como centro cultural chamou a atenção de Mário de Andrade, pelas suas possibilidades de formação de uma consciência nacional, pela sua modernidade antecipada, pelo seu sucesso na síntese

26. Artundo, Patricia M.: “A. Xul Solar: una imagen pública posible”, en Xul Solar: *Entrevistas, artículos y textos inéditos*, op.cit., pp. 7-54, p. 11. Ademais, Mário Gradowczyk informa que na correspondência de Xul com seus pais, no período europeu, ele frequentemente falava dos projetos e dos planos que tinha em conjunto com “Emílio”. Cf. Gradowczyk, Mario y Cippolini, Rafael: “Sesión espiritista con Xul Solar”, en *Ramona*, Revista de Artes Visuales, Buenos Aires, julio de 2002, p. 57.

27. Jorge Schwartz supõe que essa carta tenha sido uma resposta a um pedido de Xul, para fazer o horóscopo do músico brasileiro, já que na Fundação Pan Klub existem duas cx. com centenas de horóscopos feitos pelo artista (op. cit., p. 9). Observe-se ainda que já era 1940, quando o movimento de vanguarda da década de 1920 já havia se dissipado.

28. Cf. Alcalá, May y Schwartz, Jorge (Org.): *Vanguardas Argentinas – anos 20*, traduzido por Maria A. K. de Almeida, São Paulo, Iluminuras, 1992, pp. 245 e 246. Pela quantidade de livros argentinos da época nas bibliotecas brasileiras, deduz-se que do lado do Brasil havia ao mesmo interesse na produção artística argentina.

entre nacionais e imigrantes. O crítico brasileiro reconheceu nas reivindicações literárias da revista *Martín Fierro*²⁹, que agrupara os jovens poetas de vanguarda: Oliverio Girondo, Raúl González Tuñón, Jorge Luis Borges, Macedônio Fernández, Eduardo González Lanuza, entre outros, “o meridiano intelectual latino-americano”³⁰.

Os vínculos dos argentinos com o modernismo brasileiro se deram por diversas vias. Havia uma ramificação mais forte no Rio do que com o grupo de São Paulo. Mas, em 1924 Nicolás Olivari viajou ao Brasil, travando contato com os paulistas, resultando dessa visita duas matérias sobre o modernismo brasileiro. Na *Matin Fierro*, n.22, de 1925, Nicolás Olivari relata que foi a São Paulo para fazer uma conferência e se encontrou com Menotti Del Picchia, “um latino sagaz e sensual”, que não pára de falar do prodigioso desenvolvimento de São Paulo; que o Brasil estava no umbral da independên-

cia artística; que o iniciador da revolução fora Monteiro Lobato; que a Semana de Arte Moderna, de 1922, significara um fenômeno literário³¹. No número seguinte, Olivari dá continuidade ao relato. Ronaldo de Carvalho – talentoso *condotiere* do modernismo; Oswald de Andrade – autor e crítico ultra; Renato de Almeida – diretor do Conservatório de Declamação, heróico *voceador* das correntes novas; Mário de Andrade, Guilherme de Almeida – poetas fantásticos que imprimem seus livros na plumagem de todos os louros dos trópicos; Plínio Salgado – ilustrado crítico da Revista Novíssima, o primeiro que rompeu lança, defendendo os modernistas; Agenor Barbosa, Sérgio Milliet, Ribeiro Couto, Sérgio Buarque de Holanda, Tácito de Almeida, Manoel Bandeira, Villa-Lobos, e tantos outros. Monteiro Lobato, o grande detonador³².

Xul Solar era colaborador da *Martín Fierro*. Por certo tomou conhecimento desse “bombástico” relato. Quando Xul e Pettoruti chegaram a Buenos Aires, em 1924, integraram-se ao grupo da *Martín Fierro*, e os dois, por sua vez, ajudaram a confirmar a opção vanguardista da revista.

29. *Martín Fierro*, Periódico quincenal de arte y crítica libre, 1924-1927, Buenos Aires, Edición Facsimilar, Estudio preliminar de Horacio Salas, Fondo Nacional de las Artes, Buenos Aires, 1995.

30. Antelo, Raúl: *Na Ilha de Marapá. Mário de Andrade lê os hispano-americanos*, São Paulo, Hucitec; Brasília, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986, p.43.

31. Olivari, Nicolás: “La moderna literatura brasilera”, en *Martín Fierro*, Buenos Aires, segunda época, n. 22, set 10 de 1925, p. 161.

32. Idem, ibidem, n. 23, set 25 de 1925, p.169.

Foi Xul quem publicou na *Martín Fierro* um crítica sobre a “ruidosa” exposição de Pettoruti (1924), apontando para o caráter revolucionário da arte do amigo, propulsor de uma vanguarda *neocriolla*, um claro exemplo de uma arte destinada a afirmar-se no futuro próximo. “Porque no terminaron aún para nuestra América las guerras de la Independencia”³³. Além disso, Pettoruti, na sua autobiografia, relata que conheceu o pintor brasileiro, Alberto da Veiga Guignard em Munique, quando foi com Xul bailar no Bairro Latino³⁴. Se Xul estava junto, é de se supor que tenha também conhecido a Guignard. Em 1924, antes de embarcar para Argentina, Xul participou em Paris da *Exposition d’Art américain-latin* em Musée Galerie, na qual estavam, além dele próprio, Pettoruti e outros argentinos e uruguaios, os brasileiros Celso Antônio, Víctor Brecheret e Anita Malfatti³⁵.

Pettoruti e Xul eram amigos desde 1916, ano em que se conheceram em Florença. Foi Emílio Pettoruti quem, pela primeira vez, fizera refe-

rência ao caráter visionário da pintura de Xul, no prólogo do catálogo da Exposição de 1920, na Galleria Arte de Milán. Desde então, os dois estavam convencidos de que seu tempo era “una época que vive, ve y siente de distinto modo que antes”³⁶, e planejavam a idéia de voltar para “revolucionar as artes no Novo Mundo”³⁷. Contudo, diferente de Pettoruti, que fora ao Brasil por duas vezes na década de 1920, depois que chegara da Europa, Xul não só aí não esteve, como ainda não se encontrou em seu acervo alguma correspondência, menção, colaboração em revistas brasileiras, crítica ou resposta aos parceiros vanguardistas brasileiros.

A segunda viagem de Pettoruti ao Brasil em 1929, quando aí permaneceu por um ano no Rio de Janeiro, constituiu-se num dos pontos mais importantes no intercâmbio Brasil-Argentina³⁸. Na ocasião, o ar-

33. Xul Solar, Alejandro: “Pettoruti”, en *Martín Fierro*, n.10-11, sep-oct de 1924, p. 7-8.

34. Pettoruti, Emilio: *Un pintor ante el espejo*, Buenos Aires, Ediciones Solar, 1968, p. 141.

35. Folheto da Exposição, acervo: Fundação Pan Klub, Museu Xul Solar.

36. J. Ramón [seud. de Alejandro Xul Solar]: “Pettoruti y el desconcertante futurismo”, en *La Razón*, Buenos Aires, 9 de diciembre de 1923, apud. ARTUNDO, Patricia M.: “Los años veinte en la Argentina. El ejercicio de la mirada”, en *Ciberletras*, Revista de crítica literaria y de cultura, 2000, disponível: www.lehman.cuny.edu/ciberletras, acesso: 31/12/2009.

37. Artundo, Patricia M.: “Xul Solar: una imagen pública posible”, op. cit., p. 11.

38. Idem, *Mário de Andrade e a Argenti-*

tista também esteve em São Paulo e manteve correspondência com Mário de Andrade. Essa viagem de Pettoruti ao Brasil, encarregado pela Agrupación “Camurati”, tinha por objetivo organizar a visita de um grupo de intelectuais brasileiros à Argentina e, desse modo, estabelecer uma comunicação forte e fluente entre os dois lados. Conforme Artundo, muita coisa não se concretizou do programa dessa missão, mas serviu de impulso para o intercâmbio de Pettoruti com o grupo carioca. Pettoruti colaborou em vários jornais do Rio de Janeiro e, em contrapartida, durante esse mesmo ano, um grupo de mais de setenta artistas cariocas apresentou-se no XI Salón de Otoño da cidade de Rosário, entre eles o jovem Cândido Portinari e Guignard³⁹. Em maio de 1930, Pettoruti inaugurou uma exposição de suas obras com as de Guignard e Paulo Rossi na Asociación de las Artes de La Plata. E pelo que se infere de sua correspondência com Guignard, Pettoruti tinha idéia de organizar, até meados de 1930, outra exposição de artistas brasileiros, com um conjunto mais amplo, incluindo Tarsila do Amaral⁴⁰.

Parece que nenhuma parcela coube a Xul Solar nessa movimentação,

na, São Paulo, Edusp, 2004, p. 113.

39. Ibidem, p. 114.

40. Ibidem, p. 116

em nenhum dos dois lados. As estratégias públicas de Xul nesses anos da década de 1920 diferem claramente das de Pettoruti. Xul optou por pequenos salões alternativos para mostrar suas aquarelas. Em 1926, para acompanhar a conferência de Marinetti, Xul participou da *Exposición de Pintores Modernos*, em Amigos del Arte, juntamente com Pettoruti e Norah Borges (os três únicos capazes de representar uma arte moderna local, especialmente por suas relações vanguardistas com a Europa⁴¹). Marinetti ao passar pelo Brasil, depois dessa visita à Argentina, referiu-se por várias vezes à obra de Pettoruti, conforme relatou Guignard a Pettoruti⁴². Xul não lhe chamara a atenção. Enquanto pintor, não se auto-promovia. “Creo que Xul no le daba demasiada importância”⁴³.

Durante a primeira parte de 1925, Xul Solar se debatia entre regressar a Europa ou permanecer no país. Por fim, sua utopia latino-americana, gestada ainda na Europa, encontrou no *criollismo* de Borges, não só uma interlocução, mas um meio de se expressar: ilustrou com

41. Idem, “A. Xul Solar: una imagen pública posible”, op. cit., p. 18

42. Pettoruti, op. cit., p. 141.

43. Borges, Jorge Luis. “Conferencia”, en *Catálogo Xul Solar*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 26 de fevereiro – 13 de mayo de 2002, pp. 15-19, p. 19.

suas vinhetas *El idioma de los argentinos* (1928)⁴⁴; pintou *Proa* (1925) para a capa da revista do mesmo nome criada e dirigida Borges. Se na emergência de sua utopia latino-americana, lá na Europa, aparecera a bandeira do Brasil ao lado da bandeira da Argentina, no topo de uma de suas primeiras arquiteturas utópicas, *Bau* (1920), em forma de pirâmide truncada, com óbvias referências eróticas⁴⁵, agora, com sua adesão ao *criollismo* de Borges, Xul intensifica seu projeto de unidade latino-americana, pintando os quadros das serpentes engalanadas (*Mundo*, 1925; *País*, 1925, *Outro Drago*, 1926, *Drago*, 1927).

Nesses dragões engalanados, a bandeira do Brasil apresenta-se em destaque ao lado da bandeira Argentina, entre as bandeiras dos diversos países latino-americanos. Pensava Xul na possibilidade do Brasil e da Argentina liderarem sua utopia de integração latino-americana? Não se sabe, pois Xul escrevera pouco e o que escrevera fora em *neocriollo*, ainda não totalmente traduzido. Mas,

44. *Catálogo Artistas Modernos Rioplatenses en Europa 1911-1924*, Buenos Aires, 17/10/2002-27/01/2003, p. 106.

45. Conforme interpretação de Grado-wczyk, Mário: *Alejandro Xul Solar*, Buenos Aires, Ediciones ALBA, Fundación Bunge y Born, 1994, p. 77.

pelo que se conhece até agora, não se percebe nenhuma menção direta em sua escrita, a não ser num postal enviado à mãe, durante os preparativos da viagem de volta da Europa, com data de 1923: “Iremos talvez em vapor de carga, assim visitaremos vários portos do Brasil”⁴⁶.

O recuo das vanguardas

Com a entrada de Getúlio em cena, o modernismo brasileiro deu início a uma fase mais calma, mais modesta e quotidiana, mais proletária, por assim dizer, de construção. (Mário de Andrade)⁴⁷

Da relação de 58 livros do *Núcleo Brasil*, na Biblioteca de Xul Solar, 60% foram editados nas décadas de 1930 e 1940, décadas do conservadorismo brasileiro e do nacionalismo retumbante, da atuação dos intelectuais, mais ou menos, na órbita do governo de Getúlio Vargas, a se dedicarem a diagnosticar a nação, na perspectiva etnográfica e antropológica, com vistas à formação racial do Brasil e à sistematização da língua nacional. Durante a década de trinta, as atividades intelectuais foram realizadas praticamente como missões

46. Cf. Schwartz, op. cit., 3.

47. Andrade, Mário: *Aspectos da literatura brasileira*, São Paulo, Martins Fontes, 1972, p.235.

de “descobrimento” da autêntica cultura nacional⁴⁸.

A arte brasileira, no seu engajamento político, desviou-se das propostas das vanguardas no que ela tinha de mais desestruturador. Ou em outras palavras e de forma redutora, o modernismo brasileiro, com o aval de Mário de Andrade, enveredara para a estética do “retorno à ordem”. O historiador de arte, Tadeu Chiarelli, afirma que Mário de Andrade, o líder incontestado do modernismo pós 1930, não podia aceitar uma produção artística desprovida de uma relação mais concreta com a realidade aparente e com um sentido moralizante ou “educativo” explícitos, recusando as manifestações de vanguardas ocorridas no Brasil, na década anterior⁴⁹.

Diante disso, a arte pictórica de Xul Solar não podia despertar interesse a Mário de Andrade. Xul, iconograficamente, utilizou o repertório peculiar de seu mundo atemporal e visionário: números, palavras, signos, flechas, serpentes, dragões, pássaros, anjos, sol, lua, estrelas, ovos, bandei-

ras, montes, escadas, deuses pré-colombianos, figuras egípcias, figuras humanas abstratas, ruínas, árvores, símbolos de seu próprio cunho e outros pertencentes à tradição filosófica e religiosa (China e Índia, cabalística, tarô, alquimia, zodíaco, cruz gamada budista, estrela de David, cruz e demais imagens cristãs). Os elementos são recorrentes; variam as composições e as concepções formais, de suas aquarelas e têmperas de pequeno Mais do que o aspecto visual, Xul primava por uma forma expressiva que comunicasse suas mensagens espirituais.

E parece que também Pettoruti não conseguira manter uma relação duradoura e profunda com Mário de Andrade. Patrícia Artundo relata que Pettoruti, no afã de seu projeto de aproximação com o Brasil, dirigiu-se a Mário de Andrade convidando-o a dar conferências sobre temas relativos a seu país, a informar seus dados para incorporá-los a um fichário de artistas e escritores, a dar sua opinião sobre *Crônica de Arte*, a colaborar com artigo, etc., mas, apesar de o pintor ter-lhe escrito em sete oportunidades, entre abril e dezembro de 1931, Mário não respondeu, aparentemente, mais do que uma vez. Ademais, no ano de 1931, Emílio Pettoruti fora nomeado diretor

48. Cf. Beired, José Luis: *Sob o signo da Nova Ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*, São Paulo, Loyola/Programa de Pós-Graduação em História Social-USP, 1999.

49. Chiarelli, Tadeu: *Pintura não é só beleza*, Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2007, p. 241-242.

do Museu de La Plata pela intervenção provincial do governo antidemocrático que se estabelecera na Argentina⁵⁰. Como no Brasil, o país vizinho também dera início à fase da ordem e do esvaziamento das experimentações de vanguarda. No Brasil, nesse clima de mudança política, alguns dos modernistas históricos de 1920 se encaminharam para a direita integralista, como foram os casos de Plínio Salgado e Cassiano Ricardo.

Da direita integralista brasileira, foi possível computar na Biblioteca de Xul Solar cinco livros. *O que o integralismo deve saber* e *O integralismo em marcha* de Gustavo Barroso, ambos de 1936, e há *Roosevelt es judío* (1938)⁵¹. Faz parte do acervo de Xul, ainda, *Despertemos a nação* (1935) de Plínio Salgado, e sobre Plínio Salgado, há uma publicação da Revista *Panorama*, São Paulo, intitulado *Plínio Salgado* (1937), na qual a biografia do líder do integralismo brasileiro é seguida de vários depoimentos enaltecedores feitos por

figuras destacadas do *establishment* cultural, tais como, Tasso da Silveira, Nestor Vitor, Menotti del Picchia, Miguel Reale, Cassiano Ricardo, Oliveira Vianna, Tristão de Athayde, Monteiro Lobato, entre outros.

Nessa linha da direita nacionalista, no *Núcleo Brasil* de Xul Solar, pode-se enumerar ainda outras obras. *Os problemas do Brasil e as grandes soluções do Novo Regime*, de Francisco Campos, jurista e político brasileiro, responsável pela redação da Constituição Brasileira de 1937, constituição fascista do estado Novo de Getúlio Vargas, com argumentos extraídos do ideário eugênico, especialmente quanto ao tema da entrada de estrangeiros no Brasil. O romance utópico *Sua Excia. presidente do Brasil no ano de 2500* de Adalzira Bittencourt, modernista alinhada com o regime autoritário do Estado Novo, participando de várias comissões do governo referentes a exames médicos pré-nupciais, eutanásia, esterilização involuntária e aborto. O romance *Sua Excia. presidente...* projeta um programa de reformas políticas, morais e sociais eugênicas, ao ponto de eliminar a população negra do Brasil. Susan Quinlan e Peggy Sharpe chegam a definir a autora como “ultranacionalista, fascista, fanática”⁵². Dentro do exemplar

50. Artundo: *Mário de Andrade e a Argentina*, op. cit., p.116-117.

51. Trata-se de uma tradução do português para o espanhol, publicada pelas Ediciones 3A, *Cuadernos antijudíos*, acompanhado, nas orelhas e contra-capas, de ampla divulgação da campanha antijudáica. Beired (op. cit., p. 154) nos informa que o anti-semitismo permeou fortemente os intelectuais argentinos, em contraste com os brasileiros, mais moderados; Gustavo Barroso foi expoente nessa questão.

52. Quinlan, Susan y Sharpe, Peggy (Orgs): *Dois modernistas esquecidas: Adalzira Bittencourt e Ercília Nogueira Cobra. Visões do passado, previsões do*

que se encontra no acervo de Xul Solar há um recorte de um jornal, datado de 1934, cuja matéria traz uma crítica elogiosa ao livro da autora, como proposta de governo que solucionaria os problemas sociais e culturais da nação.

Especular sobre as razões da presença desse significativo núcleo, formado por representantes importantes do integralismo brasileiro no acervo de Xul Solar, exige investigações outras. Do meu ponto de vista, não basta detectar a presença de Gustavo Barroso e de Plínio Salgado no acervo do artista para afirmar peremptoriamente que ele teve interesse pelo integralismo brasileiro. Haveríamos que percorrer as redes de amizade de Xul Solar, os circuitos culturais na cidade de Buenos Aires, os trânsitos pelos espaços solarianos, a recepção que seus contemporâneos faziam dos diversos temas que Xul introduzia nas intermináveis conversas noite à dentro e, principalmente, levar em conta a abertura que propõe a sua recorrente mensagem, em *neocriollo*: “Xamine todo. Retiene lo bô.” (Examine tudo. Retenha o bom.) - aforismo de São Paulo que significa: examine, experimente tudo, e pratique o que lhe parece bom e verdadeiro.

Da mesma forma que há livros repassados a Xul Solar por amigos comuns que se relacionaram de al-

guma maneira com os integralistas brasileiros (os dois livros de Gustavo Barroso foram dedicados pelo autor ao “ilustre argentino”, Senador Sanchez Sorondo, “com a consideração” de Gustavo Barroso, “em testemunho de apreço”), também há, na contramão dessa posição ideológica, o livro *A estrela do absinto* dedicado pelo autor a Oscar Creydt. Como esse livro, de um poeta modernista brasileiro que ingressou nas fileiras de Luis Carlos Prestes, foi parar na Argentina e nas estantes de Xul Solar por vias do líder comunista paraguaio, é pergunta impossível de se responder com os dados de que dispomos, no momento⁵³. Aliás, na Biblioteca de Xul Solar, há diversos livros “emprestados” ou repassados a Xul, cujas dedicatórias dos respectivos autores foram dirigidas a outras persona-

53. Oscar Creydt, paraguaio, militante comunista, em 1930, foi preso e exilado. Viajou a Buenos Aires, quando conheceu Rodolfo Ghioldi, do Partido Comunista Argentino. Da capital argentina, passou para Montevidéu e aí, vincula-se a Luís Carlos Prestes e viaja ao Brasil, alojando-se na casa de Oswald de Andrade, quando provavelmente recebeu do poeta *A estrela do absinto*. Cf. *Wikipedia*, acesso em 27/11/2009. Esse site ainda informa que no ano de 1955, Creydt estava em Buenos Aires para lançar o periódico *Unidad Paraguaya*, órgão periodista do PCP no exterior. Porém, não esqueçamos que nesse ano, a Argentina vivia um ambiente político que dificultava as atividades comunistas.

futuro, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFG, 1996, p. 20.

gens⁵⁴. De Menotti Del Picchia, há *Kalum, o mistério do sertão* (1936), outro regalo do Brasil com dedicação do autor ao “caríssimo Benjamim de Garay, velho companheiro e amigo com desejo de felicidade para 1937”. Está claro que Menotti de Picchia presenteara o amigo argentino, Benjamim de Garay⁵⁵, que exercera várias atividades no Brasil, mas o livro, por alguma razão e de alguma forma, foi parar na estante de Xul Solar.

É possível especular que Plínio Salgado tenha chamado a atenção de Xul, não pelas posições políticas ideológicas, mas pelo seu passado modernista. Sobre a presença de Plínio Salgado na coleção de Xul, Jorge Schwartz denota que Plínio havia publicado no primeiro número da *Revista de Antropofagia*, um extenso

ensaio sobre a língua tupi, pregando o retorno à língua indígena como idioma nacional, “uma vertente primitivo-nacionalista de nosso modernismo”⁵⁶. Porém, é possível que alguns dos aspectos do integralismo brasileiro, cuja ideologia enfatizava muito mais a transformação do homem pela sua elevação espiritual do que do Estado⁵⁷, tenha interessado de veras a Xul Solar. Os integralistas brasileiros construíram uma filosofia da história que postulava o aperfeiçoamento progressivo da humanidade e que, segundo Plínio Salgado, atingiria o estágio integral na Quarta Humanidade⁵⁸.

Coleção Brasileira

O clima era favorável a tudo que dissesse respeito ao Brasil. (Heloisa Pontes)⁵⁹

Constam da Biblioteca de Xul Solar, dezesseis livros da *Coleção Brasileira*, e tudo indica que esses foram adquiridos na própria cidade

54. Informação dada por Patrícia

Artundo, curadora da Biblioteca de Xul Solar, novembro de 2009.

55. Benjamim de Garay teve posição destacada como importador da literatura brasileira, na Argentina, na década de 1930, mas circulava desde os anos vinte por uma das tantas facções do modernismo do Brasil. Em São Paulo, fora atraído pelo grupo *A Colméia*, “grupusclo nacionalista”, da qual pertencia Menotti Del Picchia, além de Monteiro Lobato, Léo Vaz, Affonso Schmidt, entre outros. Cf. Sorá, Gustavo: *Traducir el Brasil. Una antropología de la circulación internacional de ideas*, Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2003, p. 114-118.

56. Schwartz, op.cit., p. 5.

57. Beired, op. cit., p.114

58. Ibidem, 43.

59. Pontes, Heloisa: “Retrato do Brasil: um estudo do editores, das editoras e das “Coleções Brasileiras”, nas décadas de 1930, 40 e 50”, em Miceli, Sérgio (org.): *História das ciências no Brasil* (vol. 1), São Paulo, Vértice/ Ed. dos Tribunais, IDESP, 1989, p. 64.

de Buenos Aires e escolhidos pelo próprio Xul, a partir de suas preferências temáticas. O mercado editorial brasileiro expandiu-se na década de 1930, não só internamente, mas projetou-se para o exterior. Não é casual que do lado argentino, emirja nessa década o período mais fecundo na história das relações literárias e intelectuais entre Brasil e Argentina⁶⁰. Além das traduções de obras brasileiras na Argentina, disseminaram-se também livrarias que se especializaram na venda de livros brasileiros, o que deu a Xul a oportunidade de adquirir as obras, na língua original, sem sair do país. No seu acervo, encontra-se um Catálogo da Livraria José Olympio Editora, de abril de 1936, que anunciava um “variado sortimento - Direito - Brasileira - Clássicos - Philosophia - as últimas novidades estrangeiras e nacionaes”⁶¹.

60. A circulação da cultura escrita entre os dois países dava-se pelo mercado de livros e pelas traduções, tais como a coleção “Biblioteca de Novelistas Brasileiros”, pela Editorial Claridad, e a “Biblioteca de autores brasileños traducidos al castellano”, pelo Ministerio de Justicia e Instrucción Pública, além de artigos sobre o Brasil na revista *Claridad*. Cf. Sorá, op. cit., pp. 107-111.

61. Na lista dos livros de Xul, registram-se: dois livros da Livraria José Olympio - *Os Párias* de Humberto de Campos (1934), primeiro livro dessa editora e que a projetou, dado o sucesso de venda, e *Despertemos a*

Durante os anos 30, 40 e 50, a Companhia Editora Nacional, a Difusão Européia do Livro, a Civilização Brasileira, a Livraria José Olympio e a Livraria Editora Martins dedicaram-se à organização de coleções tais como: Biblioteca Pedagógica Brasileira, Corpo e Alma do Brasil, Retratos do Brasil, Documentos Brasileiros e Biblioteca Histórica Brasileira, que visavam estudar a realidade brasileira desvendando, mapeando e caracterizando seus múltiplos aspectos⁶². A *Coleção Brasileira*, criada em 1931, fazia parte da Biblioteca Pedagógica Brasileira, de Compa-

Nação (1935) de Plínio Salgado; três da Editora Globo - *Kalum* (1936) de Menotti Del Picchia, *O reino das mulheres sem lei: ensaios de mitologia amazônica* (1937) de Ângelo Guido, *Fontes da Cultura Brasileira* (1940) de Bezerra de Freitas; três livros da Civilização Brasileira - *O integralismo em marcha* e *O que o integralista deve saber*, ambos de 1936 (esses dois, já sabemos, foram ofertados pelo autor ao Senador Sanchez Sorondo), e o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1943); quatro livros da Companhia Melhoramentos de São Paulo - *História do Brasil* (1925) e *História do Paraná* (1929), ambos de Rocha Pombo; *História da Cidade do Rio de Janeiro* (1928) de Max Fleiuss; *História de Santa Catarina* (1930) de Lucas Boiteux. E mais os dezesseis livros da *Coleção Brasileira*, publicados pela Companhia Editora Nacional, sobre os quais serão dedicadas as páginas seguintes.

62. Cf. Pontes, op. cit., pp. 359-483.

nhia Editora Nacional, dirigida por Fernando de Azevedo, e que se subdividiu em cinco séries: literatura infantil, atualidades pedagógicas, livros didáticos, iniciação científica e a brasileira, classificada como Série 5. Ao organizar essa coleção, a editora buscava criar uma estratégia para o estabelecimento de uma identidade editorial determinada pela escolha dos textos, reeditando obras de autores consagrados no tema da interpretação do Brasil e do conhecimento da história e da realidade nacional, além dos relatos dos viajantes.

No acervo de Xul, um dos livros da *Coleção Brasileira, Elementos do folk-love musical brasileiro* (1936) de Flausino Rodrigues Valle, traz o carimbo da Livraria Nocito & Rañó, Ediciones Argentinas y Brasileñas, situada à calle Chacas, 1358. Atrás do livro, há o vestígio do tíquete que identificava o estoque, vestígio que se repete em mais outros livros da *Coleção Brasileira*, do acervo de Xul. Dentro do livro de Afonso Arinos de Mello Franco, *Conceito de Civilização Brasileira* (1936), encontra-se o recibo da compra, fornecido por essa mesma livraria –Nocito & Rañó–, com data de 18/3/1946. Nesse livro, Xul destacou títulos da *Brasiliiana*, na lista que consta da portada da obra, tais como *Raça e Assimilação* e *Populações Meridionais do Brasil*, ambos de Oliveira Vianna, *Pelo Brasil Maior* de Baptista Pereira, e acrescenta abaixo da lista, a lápis,

Clima e Saúde de Afrânio Peixoto e outro, cujo título e autor estão pouco legíveis, na letra de Xul, mas é possível que se trate de *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil* de Bernardino Jose de Souza, pois as palavras Terra, Gente e Brasil estão legíveis. O método se repete na obra de Manoel Bonfim, *Brasil*. Nesse, Xul destaca novamente *Pelo Brasil Maior* e *Populações Meridionais*, e acrescenta às suas preferências *Rondônia* de Roquette-Pinto, *Os africanos no Brasil* de Nina Rodrigues e *Os indígenas do nordeste* de Estevão Pinto.

Como vários desses livros destacados por Xul encontram-se no seu acervo, pode-se inferir que ele fazia uma busca para atender as suas investigações temáticas. Interessa-me chamar a atenção não só pelos temas de interesse de Xul, mas também pelo momento –décadas de 1930 e 1940–, um tempo de convergência e talvez de contaminação mútua entre as idéias que circulavam no Brasil, referentes ao tema da raça e da língua, e as inquietações espirituais de Xul Solar, que não eram novas, mas se intensificaram e se expressaram nesse período. Os estudos brasileiros sobre a formação racial do país miscigenado e a formação da língua nacional, na sua mistura de português com tupi-guarani e línguas africanas –os dois principais temas dos intelectuais brasileiros nessa época– atravessavam os debates e reflexões que se desenvolviam nas reuniões que Xul fazia na sua casa,

transformada em Pan-Klub, em 1939, como projeto de Klub universal, um lugar de encontro para intelectuais e gente com as mesmas inquietações.

A nova raça I

COLORES: Raza blanca, raza roja, raza negra; con el ensueño azul de lo futuro, la aureola dorada intelectual, y lo pardo de las mezclas. (Xul Solar)⁶³

O germe da raça humana atual deve ter pré-existido na raça de que descende, assim como a semente, em que jaz escondida a flor do próximo verão, existiu e se desenvolveu na flor paterna. (Helena P. Blavatsky)⁶⁴

Eslo que parece negativo, deviene (werde) positivo com um advérbio: aún, y casi: creciente. (Xul Solar)⁶⁵

Em 1923, Xul assistira em Stuttgart a várias conferências de Rudolf Steiner e trouxera da Alemanha

quatro livros do fundador da Antroposofia, dissidente da Sociedade Teosófica⁶⁶. Para Steiner, os dois fatores fundamentais para o desenvolvimento futuro da humanidade seria a admissão de que o ser humano é um ser de natureza espiritual, um complexo de necessidade espiritual, atendido pela reunificação entre religião, arte e ciência. Na leitura de Alfredo Rubione, em *El nuevo orden* (1919), Rudolf Steiner escreve que as comunidades humanas baseadas em culturas nacionais de língua comum seriam as mais férteis resistências à desordem social de seu tempo. Além disso, as comunidades nacionais deveriam convergir para um ideário internacionalista na construção de uma humanidade fraterna⁶⁷. Rubione lança mão do pensamento de Rudolf Steiner para afirmar que Xul Solar, na sua utopia lingüística, agira dentro do ideário dos movimentos internacionalistas europeus, do século XIX, que proclamavam a igualdade e a fraternidade ente os homens, muitos de caráter ligado a teosofia, movimento de enorme gravitação

63. Xul Solar: *Pettoruti y Obras* [1923], en Xul Solar, *Entrevistas, artículos y textos inéditos*, op.cit., pp. 96-98, p. 96.

64. Blavatsky, Helena Petrovna: *A Doutrina Secreta. Antropogênese*, traduzido por Raymundo M. Sobral, São Paulo, Editora Pensamento, 1973, p. 6.

65. Xul Solar: "Autômatas em la historia chica", *Mirador. Panorama de la Civilización Industrial*. Buenos Aires, junio de 1957, p. 37, en Xul Solar, *Entrevistas, artículos y textos inéditos*, op.cit., pp. 132-145, p. 133.

66. Cf. Fischler, op. cit., p. 84. Constatase hoje aproximadamente 20 livros de Rudolf Steiner na Biblioteca de Xul Solar, conforme informação de Teresa Tedin, janeiro de 2010.

67. Steiner, Rudolf: *El nuevo orden social*, Buenos Aires, Editorial Kier, 1983, apud. RUBIONE, Alfredo. Xul Solar – Utopia e Vanguarda, en *Punto de vista, Revista de Cultura*, Buenos Aires, abril – julio, 1987, pp. 37-39, p. 39.

nos anos em que Xul se encontrava na Europa.

Mas, há ainda a observar o seguinte. No levantamento e análise de Fischler dos livros que Xul comprou na Alemanha, entre 1921 e 1923, no grupo que ela classificou como de “Teosofia e Sabedoria Divina”, encontram-se vários autores que se remetem a Helena Petrovna Blavatsky, e dela própria, o maior número deles: *A voz do silêncio* e quatro tomos de *A doutrina Secreta*⁶⁸. Mística responsável pela sistematização da moderna Teosofia e co-fundadora da Sociedade Teosófica, muito citada como expoente máximo da filosofia râmica mística, Blavatsky advogou a evolução espiritual do homem, em direção à sabedoria divina, cuja realização total descreve como liberação e iluminação. Sua filosofia coteja, além do pensamento hegeliano, a teoria da seleção natural darwinista. Em sua obra são visíveis argumentos derivados da linguística da sua época, que relacionavam complexidade de língua com nível evolutivo social⁶⁹. Referências a Darwin são recorrentes, com a ressalva de que o autor de *Origem das espécies* enfrenta os “limites da sua visão” que o

levava a se perder em “simples pormenores superficiais”⁷⁰. O ocultismo apresentaria uma solução que abraçava todos os fatos de maneira simples e compreensível. Em sua maior obra e mais citada, *A doutrina secreta* (1888), elaborada como um extenso comentário de um livro desconhecido no Ocidente, *O Livro de Dzzyan*, que teria sido escrito em um idioma igualmente desconhecido, no volume dedicado a *antropogênese*, Bravatsky desenvolve seu conceito de “evolução espiritual do homem” – “uma evolução quase darwinista”⁷¹ –, descrevendo a sucessão cíclica de várias raças sobre a Terra desde tempos imemoriais, passando pela mítica Atlântida, em direção a um constante aprimoramento das formas físicas e das capacidades morais e espirituais. Para Blavatsky, a história da humanidade subdivide-se em 7 tempos, de 7 ‘sub-raças’. Estaríamos então ainda vivendo a 5ª Era sob o apogeu da 5ª sub-raça Ariana, próxima de completar o seu ciclo terrestre.

Nesse ponto, a filosofia oculta ensina que mesmo hoje, debaixo de nossos olhos, as novas raças estão preparando-se para serem formadas, que é na América que terá lugar a

68. Fischler, *op. cit.*, p. 79.

69. Blavatsky, Helena Petrovna: *Sabedoria Eterna. Dois livros das Estâncias de Dzzyan*, traduzido por M.P. Moreira Filho, São Paulo, Pensamento, 1993, p. 84.

70. Idem, *A doutrina secreta*, *op. cit.*, p. 134.

71. Idem, *Sabedoria Eterna*, *op. cit.*, p. 101.

*transformação, e que esta já começou silenciosamente*⁷².

Em 1940, Xul traduz do inglês para Editorial Kier, *A voz do silêncio*, de Blavatsky. Entre seus grandes interlocutores, nessa época, assíduos nas reuniões do Pan Klub, encontravam-se o místico Santiago Bovísio e Jorge Luis Borges. Em 1939, Xul Solar traduz para a Editorial Losada, do alemão, a introdução de Thomas Mann ao livro *O pensamento vivo de Schopenhauer*, filósofo que proclamara a irracionalidade do mundo, referência constante de Borges, a exemplo dessa passagem: “Schopenhauer porventura tem razão: eu sou os outros, qualquer homem é todos os homens”⁷³.

Nessa década de 1940, Xul dita conferências sobre astrologia. Leciona o *Curso teórico prático de Astrofísica* na sede de Buenos Aires de GIDEE (Grupos Independientes de Estudios Esotéricos), pertencente à Ordem Martinista. A ativa participação de Xul nessa ordem, com o nome de Hermano Nulo, o leva a ascender dentro da sua estrutura. O propósito do Martinismo era transmitir ensinamentos espirituais para

se alcançar o Ser Superior Desconhecido⁷⁴.

Uma das conferências de Xul, desse momento, sob o título *La Astrología mejor, foi ditada na Universidade Espiritualista de Rosário, dirigida por seu amigo Santiago Bovísio que, vindo da Itália em 1926, onde participava da Ordem do Fogo, fundara em Buenos Aires, em 1937, o Cafh, um “caminho de desenvolvimento espiritual”*. Em suas *Ensinaças*, dizia que a “humanidade estava entrando em uma nova era, que grandes mudanças ocorreriam na sociedade e que se descobririam possibilidades jamais sonhadas”⁷⁵. Bovísio divide a Filosofia em três grupos: Cosmódica, Andrologia e Filosofia Rácica. No capítulo 13 das *Ensinaças*, Bovísio fala de uma Grande Revelação única, dada no alvorecer da Raça Ária e assegura que ainda pode ser descoberta, em algum lugar oculto da Terra: “Não terminará a presente Raça Raiz sem que seja descoberta, para que todas as revelações voltem à unidade”⁷⁶. *A fonte de sua*

72. Ibidem, p. 112.

73. Borges, Jorge Luis: “A forma da espada”, em *Ficções*, traduzido por José C. Barreiros, Linda-a-Velha/Portugal, 2000, p. 84.

74. Tedin, Teresa: “Cronología biográfica y artística”. In: *Catálogo Visiones y revelaciones*, Buenos Aires, MALBA; São Paulo, Pinacoteca, 2005, pp. 157-174, p. 157.

75. Mastrángelo, Fabiana: *Don Santiago - Vida e obra do Senhor Santiago Bovísio*, São Paulo, ECE, 2006.

76. Comentários ao Regulamento de Cafh, p.4, disponível: www.cafh.org.

sabedoria estaria conservada em tesouros espirituais, entre outros, os textos em Arypal, que só podiam ser lidos na Gruta de Ras por clarividentes qualificados.

Essas reflexões, na casa de Xul, podem ter inspirado a Borges para escrever o conto *Aleph* (1949). Num ponto algures na cave de uma casa, olhando-se para ele, escrutinava-se todos os acontecimentos e toda a realidade num único instante de contemplação. Desse momento, também é *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* (1940). No conto, Borges trata de um livro imaginário sobre um enigmático país chamado Uqbar, que tem um idioma obscuro, o qual somente Xul Solar conseguia ler com facilidade, numa explícita alusão ao amigo. No conto, uma gigantesca conspiração de intelectuais se reúnem para imaginar um novo mundo.

Talvez nessas especulações fantásticas, encontremos a razão da presença dos dois romances brasileiros, no gênero utópico, no acervo de Xul Solar: *Sua Excia. a presidente da república no ano de 2500* (1929) de Adalzira Bittencout, com suas estratégias de melhoria racial, e *Kalum, o mistério do sertão*, de Menotti Del Picchia. *Kalum* trata de um confronto entre utopia, tecnologia e sociedade, explorando o que a selva bra-

sileira oferecia de mágico, fantástico e maravilhoso: lendas, mistérios, povos mitológicos, o homem primitivo americano, formas milenares e desconhecidas. *Kalum* é de 1936, mas antes Menotti, no gênero fantástico, publicara *A filha do Inca ou República 3000* (1930)⁷⁷. Nessa utopia científica, remanescentes de um povo de Cnossos, que foram parar no sertão do Brasil em época remota, atingiram o maior grau do progresso humano, ao ponto de se comunicarem apenas pela energia cósmica. Os habitantes dessa cidade imaginária –homens metálicos e mecânicos– aguardavam o momento de transcender para o plano sideral. Enquanto isso, mantinham presos os filhos do último imperador dos quíchuas, como memória do que era a humanidade antes desse esplendoroso desenvolvimento mental, físico e tecnológico.

Na obra pictórica de Xul Solar proliferam figuras humanas que fluem em espaços abstratos. Há figuras compostas por faixas multicoloridas e translúcidas que esboroam limites e contornos. Seus “hombrecillos” pareciam feitos com palitos de fósforos porque acreditava que “el hombre futuro tendrá esta forma. Carecerá de estómago; sus pulmones y corazón... nuestro futuro

santiagobovisio.com/por/list.htm, acesso em 19/01/2010.

77. Picchia, Menotti Del: *A Filha do Inca ou A República 3000*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1930.

antropomórfico”⁷⁸. Em outras figuras, pedras e árvores adquirem aspectos antropomórficos. Corpos se justapõem em dois, em quatro, em seis figuras. Corpos transparentes deixam à vista os órgãos internos. Na narrativa ficcional de Leopoldo Marechal⁷⁹, o astrólogo Schultze/Xul invocara primeiro com o idioma argentino, depois com a etnografia nacional e também com a música. E andava inventando um novo homem, o *Neocriollo*, destinado a realizar as grandes potencialidades americanas. Tratava-se de um ser cujo corpo era regido por uma série de correspondências angélicas e astrológicas⁸⁰. Na série *Sandanza* (1925), as cenas conferem movimento e dinamismo, aparentemente seguindo o pregou Nietzsche com seu Zaratustra: “se queres voar tens que primeiro aprender a dançar”⁸¹. Em suas fantásticas criaturas voadoras – *Dos mestizos de avión y gente* (1935), *Cuatro mestizos de avión y ciudad* (1935) e *Gente kin*

vuelas (1936), *Mestizos de avión y gente* (1936) – aparece o tema da tentativa, por parte do homem, de conquistar os céus. Em 1936, Xul Solar pinta a aquarela *Vuel Villa*, uma utópica cidade suspensa nos céus.

Além da iconografia, Xul escreveu dois textos sobre melhoramento humano. Em *Propuestas para más vida futura. Algo semitécnico sobre mejoras anatómicas y entes nuevos* (1957), com propostas de mudanças na anatomia humana, através de próteses e intervenções⁸². Em *Esbozo de un proyecto de cambios para el cuerpo humano*, segue uma linha evolutiva. O cérebro crescerá, a boca terá uma língua comprida e cordas vocais duplas, o sexo combinará a heterossexualidade para a reprodução (a autofecundação é contra-indicada pelos resultados degenerativos) e sugere a bissexualidade monóica, a qual poderia ser útil para ampliar a experiência e o amadurecimento psíquico⁸³.

78. Barreda, Ernesto Mario: “Por los reinos de la Cábala”, en *Na Nación*, Buenos Aires, 20/10/1929., en *Entrevistas, artículos y textos inéditos*, pp. 61-63, p. 65.

79. Marechal, Leopoldo: *Adán Buenos Aires*, Barcelona, Editora y Distribuidora Hispano Americana, 1981, p. 136-137. (1ª ed. 1948)

80. *Ibidem*, p.135.

81. *Zaratustra* de Nietzsche consta da lista de Munich.

82. Xul Solar: “Propuesta para más vida futura. Algo semitécnico sobre mejoras anatómicas y entes nuevos”, en *Lyra*, Buenos Aires, tercer y cuarto trimestre, 1957, en Xul Solar, *Entrevistas, artículos y textos inéditos*, op. cit., pp. 146-151.

83. Alcalá, May Lorenço: *La utopía latinoamericana: Xul Solar, Matta y Lam*, Buenos Aires, Fundación Pan Klub, 1999, p. 13 e 14.

A nova raça II

O que uma raça pode dar em meio diferente, nenhuma lei biológica permite, a priori, afirmar. (...) a humanidade é extraordinariamente alterável e, portanto, melhorável. (Roquette-Pinto)⁸⁴

Parece que já é hora de desdobrarmos alguma conclusão. Na minha hipótese, há ressonâncias entre a utopia de Xul Solar, da “língua perfeita” e da “nova raça”, e o tema da raça e da língua tratado pelos intelectuais brasileiros nas décadas de 1930 e 1940. Sobre o “problema racial brasileiro”, estão na Biblioteca de Xul Solar, obras de figuras proeminentes —Oliveira Vianna, Roquette-Pinto, Arthur Ramos, entre outras⁸⁵—, re-

84. Roquette-Pinto, Edgard: *Ensaio de antropologia brasileira*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1933, p. 86.

85. *Clima e saúde: introdução bio-geográfica à civilização brasileira* (1938) de Afrânio Peixoto, médico criminalista; *Pussanga: episódios e paisagens da Amazônia* (1930) de Peregrino Junior, endocrinologista e biotipologista; *Conceito de Civilização Brasileira* (1936), obra de juventude de Affonso Arinos de Melo Franco, que veio a ser tornar mais tarde o defensor dos direitos humanos, reconhecido, sobretudo, pela lei contra a discriminação racial. Em *Conceito de Civilização Brasileira*, um futuro Brasil civilizado, branco e europeu suplantaria o Brasil mestiço, primitivo e selvagem. O indígena

presentantes da geração que sucedeu a Escola de Nina Rodrigues e que marcou um período de transição na forma de interpretação racial do Brasil. O medo de que a mistura das raças —a negra, a branca e a amarela— levaria o país a níveis irrecuperáveis de degeneração racial havia arrefecido. A miscigenação positivada, com a crença na possibilidade eugênica dos mestiços oriundos de sangue negro, passou para o centro dos estudos sobre a cultura brasileira, com enfoque nas noções de aculturação, assimilação, hibridismo, sincretismo. Na vertente mais original, aparecera um pouco antes o conceito de antropofagia oswaldiano, que introduzira o tema da relação com o outro, na perspectiva do colonizado, recomendando que se assumisse a felicidade que os primitivos haviam descoberto antes de os portugueses aportarem no Brasil.

Os debates acalorados, com a proliferação de obras e idéias, abriram um leque de posições teóricas, cada qual tentando impor teses e métodos para enfrentar o “problema racial brasileiro”. Renato Kehl e Oliveira Vianna persistiram nas teses biológicas, derivadas do “racismo cientí-

americano não deveria ser estudado pelo princípio romântico, mas em seus respectivos círculos de influências, “que determinaram e estão determinando o processo formador dessa mesma civilização”. (p.72)

fico”, do século XIX. Arthur Ramos, Edgar Roquette-Pinto e Gilberto Freyre aderiram às teses culturalistas de Franz Boas, ou genéticas, com uma das dimensões dos ensinamentos de Mendel, o que favorecia o caminho da perfectibilidade via educação e higiene. Em *Changes in the Bodily Form of Descendants of Immigrants*, Franz Boas argumentara que o tamanho da cabeça da primeira geração de italianos e judeus imigrantes nos Estados Unidos não conferia com o tamanho original. Embora tenha recebido muitas críticas em decorrência da pouca consistência de suas demonstrações, feriu a noção de estabilidade física que sustentava a teoria racial, e introduziu a noção de plasticidade do corpo e da cultura⁸⁶.

O Brasil mais do que qualquer outro país, da Europa ou da América, abraçara a tese do descrédito do racismo científico⁸⁷. Se no século XIX, os viajantes estrangeiros viam no Brasil um “laboratório racial” para comprovar a “degeneração” advinda do cruzamento racial, agora a tese da

plasticidade cultural e física, encontrava no Brasil, um novo campo de experimentação. Para Oliveira Vianna, o fato de terem afluído para o Brasil, “etnias vindas de todos os continentes torna a América (...) o centro por excelência dos estudos de raça”⁸⁸.

Os povos americanos são, pois, tão preciosos para os estudos de biologia da raça quanto os climas tropicais o são para as pesquisas sobre a febre amarela e a malária. Os germens patogênicos, que produzem o impaludismo ou o tifo icteróide, podem ser observados nos tubos e caldos de cultura dos laboratórios, na França, na Inglaterra, na Alemanha; mas, só nos trópicos, só debaixo dos climas ardentes, é que o seu estudo pode ser feito de maneira fecunda. O mesmo acontece com a biologia e a psicologia das raças: uma e outra podem ser estudadas em centros puramente arianos, em populações arianas; mas, só na América, só entre populações heterogêneas, onde se caldeiam os tipos antropológicos mais diferentes, onde as raças mais primitivas se misturam com as raças arianas; só aí é que elas podem ser estudadas em

86. Barkan, Elazar: *The retreat of scientific racism. Changing concepts of race in Britain and the United States between the world wars*, Cambridge, Cambridge University Press, 1992, p. 83.

87. Cf. Flores, Maria Bernardete Ramos: *Tecnologia e estética do racismo – ciência e arte na política da beleza*, Argos, 2007.

88. Vianna, Oliveira: *Raça e assimilação*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938, p. 16.

*condições ótimas de eficiência investigadora*⁸⁹.

Oliveira Vianna, o sociólogo que se tornara uma “autoridade científica em antropologia”⁹⁰, defendia, contudo, a idéia do “centro por excelência dos estudos raciais”, para se opor ao “transplante” da teoria de Franz Boas que considerava livresca, sem o respaldo da observação empírica. O alvo de sua pontaria eram as teses culturalistas de Roquette-Pinto e Arthur Ramos. Para Vianna, a tese de Boas tratava mais de mostrar a plasticidade dos tipos humanos do que a convergência de todos os descendentes de imigrantes para um suposto tipo americano, que ao fim e ao cabo, era o que se desejava, ou seja, a unidade nacional. O pomo da discórdia estava na pouca consideração dos caracteres raciais em prol da relação homem-meio, como pregavam Roquette-Pinto e Arthur Ramos, ao enfatizarem a educação e a higiene para solucionar o problema racial brasileiro. Defensor da cientificidade do conceito de raça, Oliveira Vianna alertava:

Cabe observar, porém, que, entre os antropólogos e etnólogos, mesmo os que admitem a igualdade das raças, só o admitem em relação às

*raças brancas, quando comparadas entre si. Na sua quase maioria, porém, estes cientistas recusam-se a aceitar o princípio da igualdade das raças brancas com as demais raças do globo, especialmente com a raça negra*⁹¹.

De fato, Roquette-Pinto, que havia desempenhado um importante papel, como organizador do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929, opondo-se à tese “degeneracionista da mestiçagem”, defendida pela maioria dos participantes, dizia que o “branqueamento” viria com a educação e a saúde⁹². Arthur Ramos, por sua vez, reconhecido antropólogo do negro no Brasil, era “continuador incansável da obra de Nina Rodrigues”, com uma única “ressalva”: se, nos trabalhos de Nina Rodrigues, se substituíssem os termos raça por cultura e mestiçagem por aculturação, suas concepções adquiriam completa e perfeita atualidade⁹³.

De qualquer forma, ao considerarmos o interesse que tinha Xul Solar pelo advento do homem novo na América Latina, embora fosse pela via da teoria da evolução espiritual do homem, não nos causa estranhamento, portanto, depois de refletir

91. Vianna, op. cit., p. 243.

92. Cf. Schwarcz, Lilia Moritz: *O espetáculo das raças*, São Paulo, Cia. das Letras, 2004, p. 96.

93. Cf. Maio, Marcos Chor y Santos, Ricardo Ventura (org.): *Raça, Ciência e Sociedade*, Rio de Janeiro, Fiocruz, 1996, p.111.

89. Ibidem, p. 19-20.

90. Cf. Bresciani, Maria Stella Martins: *O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*, São Paulo, Editora UNESP, 2005.

longamente sobre o tema, a presença na sua Biblioteca das obras dedicadas ao problema racial brasileiro, com orientações ideológicas desde as mais autoritárias voltadas para o segregacionismo, como *Raça e assimilação* de Oliveira Vianna, até as mais liberais e democráticas, voltadas para o assimilacionismo, como *Ensaio de antropologia brasileira* de Roquette-Pinto e *O negro brasileiro* de Arthur Ramos. Se hoje vemos com suspeita toda e qualquer discussão racialista, à época da vigência dos pressupostos teóricos do progresso e da evolução humana, o leque intelectual e ideológico ia desde as correntes místico-transcendentais, pela via do crescimento espiritual pregada tanto pela teosofia como pelo integralismo brasileiro, passando pelas culturalistas e mendelianas, pela via da educação e higiene, até as biológicas ou deterministas, seja em relação ao meio ou à herança do sangue racial. Além desses autores destacados que se debruçaram sobre o problema racial brasileiro, que abordamos acima, há outros, no *Núcleo Brasil* da Biblioteca de Xul Solar, que nos induzem a concluir que Xul procurava conhecer a dinâmica de uma cultura mista ou de uma “raça” miscigenada gestada em meio a assimilações, influências, composições, fragmentos, mesclas, vestígios indígenas e africanos vivos nos mitos, nas lendas, no folclore, na música popular, no seu “processo recente de hibridização”.

Aonde se cruzam língua nacional e utopia da linguagem

*A variedade de coisas novas que tivemos necessidade de expressar, num mundo novo como o Brasil, forçou no povo um surto copiosíssimo de vocábulos. (...) A princípio, na língua falada. Depois penetram na chamada literatura regional. Passam daí aos glossários de brasileirismos e entram, por fim, consagrados, no pantheon dos dicionários.*⁹⁴
(Monteiro Lobato)

*A escrita perfila-se, assim, desde o início, como marca de um caráter sagrado, como se tendesse sempre a libertar-se da história, do comércio dos signos. (...) Conseqüentemente, a imaginação gráfica de alguns pintores, uma vez que produziram escritas absolutamente, definitivamente indecifráveis (percebe-se bem o motivo), tais como Masson e Réquichot, não devem de forma alguma ser tomadas como aberrações de artistas; serão manifestações do inverso —do inferno— da escrita (a verdade está no inverso).*⁹⁵
(Roland Barthes)

Roland Barthes dedica *Variações sobre a Escrita* à arte do signo sobre a matéria, “na caverna e no

94. Lobato, Monteiro: *A onda verde*, São Paulo, Editora Monteiro Lobato, 1922, pp. 188 e 189.

95. Barthes, Roland: *O prazer do texto precedido de Variações sobre a escrita*, traduzido por Luís Felipe Sarmiento, Lisboa, Edições 70, 2009, pp.16 e 40.

metropolitano, o homem nunca parou de traçar escritas”, e supõe que existiu uma ligação privilegiada entre a astronomia e a escrita; o sistema de signos do Zodíaco é como um sumário das possibilidades estruturais da escrita; “a escrita é a linguagem pura dos céus”⁹⁶.

Passando agora de um semiólogo, que revelou a proximidade entre escrita e pintura, a um lingüista como Umberto Eco, que manipulou a palavra enquanto expressão artística nas suas obras de ficção, vemos que Xul, artista plástico, astrólogo e reconhecido lingüista, inventor de dois idiomas, além de um sistema de signos com suas Grafias, não foi uma exceção, ou não foi uma “aberração” se usarmos a expressão de Barthes. O tema da confusão das línguas, advindo com o mito babélico e as tentativas de remediá-la mediante a redescoberta da língua adâmica ou a invenção de uma nova língua comum a todo o gênero humano, perpassa a história ocidental. Ao enfatizar a importância que a língua assume na história, considerando apenas a história da Europa, Eco demonstra cifras surpreendentes: Demonet dedicou 700 densas páginas ao debate que ocorreu entre 1450 e 1580, acerca da origem da linguagem; Couturat e Leau analisaram 69 modelos de línguas construídas artificialmente,

96. Idem, p.27.

entre os tipos *a priori*, mistos e *a posteriori*⁹⁷; Monnerot-Dumain registrou 360 projetos de línguas internacionais; Knowlson apresentou uma lista de 83 obras relativas aos modelos de línguas universais, entre XVII e XVIII, e Porset, que se limitou apenas aos projetos do século XIX, nos oferece 173 títulos⁹⁸.

A utopia da língua perfeita tem aparecido na história, considera Umberto Eco, como resposta aos dramas religiosos ou políticos, aos projetos de unidade nacional, às dificuldades de relações internacionais, às aspirações mágico-mito-simbólicas, aos mistérios iniciáticos ligados à cabala e à teosofia. O *Esperanto*, por exemplo, proposto ao mundo pela primeira vez em 1887, pelo russo Zamenhof, partia da idéia de uma língua universal junto à idéia de uma concórdia entre os povos⁹⁹. Na época da *Encyclopédie*, a língua tornou-se condição da estabilização de alguns valores estatutários, ao ponto de Umberto Eco parafrasear a Luís XIV: “l'état c'est la langue”¹⁰⁰. No projeto de

97. As línguas inventadas são classificadas em três modalidades: *a priori* (totalmente inventada), *a posteriori* (são inventadas a partir de elementos de línguas já existentes); mista (combina elementos novos com os tomados de outras línguas).

98. Eco, *op. cit.*, p. 17.

99. Ibidem, p. 389.

100. Ibidem, p. 407.

Francis Lodwick, primeira tentativa publicada de uma linguagem baseada em um caráter universal, em 1747, Umberto Eco vê similaridades com aquela língua obscura descrita por Borges em *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*¹⁰¹, com referência explícita a Xul Solar como vimos acima. Para minha decepção, no denso volume de Umberto Eco, abordando inumeráveis projetos de criação artificial de idioma, não há nenhuma menção a Xul Solar¹⁰².

Já foi sobejamente estudado o fato de que Xul Solar criou dois novos idiomas, o *neocriollo* e a panlíngua, além das *Grafias*. E é recorrente a afirmação de que o *neocriollo* era uma criação de Xul para a utopia unificadora da América. O próprio Xul declarou isso em mais de uma vez. “Soy creador de neocriollo, lengua que reclama el mundo de Latinoamérica”¹⁰³. E desde 1929, vincula o *neocriollo* a um novo sistema de escrita. “Estoy reformando la escritura... [...] El castellano se halla atrasado en varios siglos... Es un idioma de palabras demasiado largas, cacofónico...”¹⁰⁴. E como se chamará essa nova lengua? –perguntou al-

guém já em 1956. –“Neocrioll, uma mescla de espanhol, português, guarani, enriquecido ultimamente com inglês”¹⁰⁵.

Aqui se vê claramente a face forte do interesse de Xul pelo Brasil, hipótese levantada por Jorge Schwartz no artigo citado. No *Núcleo Brasil* da Biblioteca de Xul, encontramos diversos dicionários brasileiros da mesma época do debate racial. Junto do “problema racial brasileiro” e da construção da “unidade nacional”, a língua tornara-se também um “problema nacional”. Tema que vinha desde o romantismo, no século XIX, para enfrentar o problema da língua que se singularizava em relação a Portugal, mas nas décadas de 1920, 30 e 40, o nacionalismo lingüístico brasileiro assumira particular importância. Muitas propostas e decretos de mudança ortográfica aconteceram. O tema assumiu o tom de uma batalha para sistematizar a língua falada, o que resultaria na afirmação da independência cultural brasileira em relação à ex-metrópole. Como escreveu Lobato em *A onda verde* (1920):

“A extensão do nosso território favoreceu grandemente o neologismo (...). Houve além disso a contribuição copiosa do índio e do negro. Há agora a do italiano em São

101. Ibidem, p. 322

102. Embora Eco tenha advertido que trata apenas das línguas artificiais inventadas no contexto europeu.

103. Indart, *op. cit.*, p. 70.

104. Barreda, *op. cit.*, p. 62 e 63.

105. “Xul Solar: um mago práctico”, *op. cit.*, p. 93.

*Paulo e a dos alemães no sul. A maioria destas palavras é de absoluta necessidade. [Mas] Em matéria dicionarística vivemos ainda hoje na absoluta dependência de Portugal!*¹⁰⁶.

A primeira tentativa de reforma ortográfica deu-se em 1907, no âmbito da Academia Brasileira de Letras. Baseada em critérios fonéticos, recebeu severas críticas, algumas iradas, outras divertidas, como se pode ver nesse trecho redigido segundo as regras propostas por Medeiros e Albuquerque, autor do projeto.

*Meu karu Maxadu Dasis. Não temus eštado juntos, á muintus mezes, i kompletamente ignoru kual a tua maneira de pensar a respeito da nova reforma ortografica, de invensão du Medeirius Albukerke. Não axas tu ke para uma revolusão é muintu póku, i para uma desorden já é demais? (...) Fálase muinto en ortografia fonetika; mas en ke se rezume ela? Na ekuasão du son i da grafia: ora, tal ekuasão não ezištē, nunca ezištirā con un alfabetu ke, kual u ke erdamus dus latinus. (...)*¹⁰⁷

106. Lobato, *op. cit.*, pp. 188 e 189.

107. Laet, Carlos de: *Crônicas, Seleção, organização e prefácio de Homero Senna*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2000, p. 387, disponível: <http://www.bn.br/site/pages/visitavirtual/exposicoes/>

No *Manifesto da Poesia Pau Brasil*, Oswald de Andrade refere-se à questão da língua: “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”¹⁰⁸. Mário de Andrade idealiza sua *Gramatiquinha* em 1922 e passa toda a década coligindo material, num esforço franco de independência lingüística em relação a Portugal. O projeto, abandonado posteriormente, seria um estudo sobre a fala brasileira¹⁰⁹. Ao se debruçar sobre o vasto material arquivado, Edith P. Pinto conclui que Mário de Andrade, como homem do Universo, equacionava a língua no quadro dos valores culturais da Humanidade: “para integrar-se ao Cosmo, o Brasil deveria assumir-se como uma unidade própria”¹¹⁰. A autora também detectou, em um prefácio não aproveitado, que *Macunaíma* tinha “um

decadentismo/medeiros07, acesso, 18/01/2010.

108. Andrade, Oswald: *Manifesto da Poesia Pau Brasil*, Correio da Manhã, 18 de março de 1924, em *Obras completas*, vol. VI, São Paulo, Civilização Brasileira, 1972, pp. 3-10, p. 6.

109. Cf. Pinto, Edith Pimentel: *A Gramatiquinha de Mário de Andrade*, São Paulo, Duas Cidades, Secretaria de Educação e Cultura, 1990.

110. *Ibidem*, p. 48.

poder de ensaios de língua brasileira”¹¹¹.

Na seqüência, a década de 1930 foi marcada pela profusão de decretos que tentavam regular o uso da ortografia da língua portuguesa falada no Brasil e por publicações que tentavam fazer levantamento de vocabulários brasílicos. Em 1931, houve um Acordo Ortográfico Brasil-Portugal, sobre o qual Medeiros de Albuquerque, em *Vocabulário brasileiro da ortografia oficial* (1933), faz um levantamento de todos os seus equívocos e confusões. E foi Portugal quem atendera ao acordo de 1931, ao publicar *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (1940). O então ministro da Educação, Gustavo Capanema, em 1942, conclamou a Academia Brasileira de Letras a organizar o vocabulário ortográfico, tendo por base o português, mas com as modificações pertinentes ao falar brasileiro, com a *inclusão* de “neologismos e estrangeirismos de uso corrente no Brasil, de brasileirismos de origem tupi e africana e de nomes próprios antroponímicos e toponímicos usuais no nosso país”¹¹².

Em 1943, veio a luz o oficial *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua*

Portuguesa, organizado por Gustavo Barroso e Hildebrando Lima, dicionário que consta da Biblioteca de Xul, ao lado de outros, tais como: *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*, 4ª Edição da “*Onomástica Geral de Geografia Brasileira* (1939) de Bernardino José de Souza; *A influência Africana no Português do Brasil* (1935) de Renato Mendonça; *A língua do nordeste (Alagoas e Pernambuco)* (1934) de Mario Marroquim; *O vocabulário na língua brasílica* (1948) de A. Lemos Barbosa; *O idioma nacional* de Antenor Nascente (1941); *Gramática da língua brasileira – brasílica, tupy ou nheêngatú* (1925) de Pedro Luiz Simpson.

Além dessas obras, diretamente caracterizadas como dicionários e gramáticas, há outras que demonstram que Xul se detinha num interesse precípua das suas inquirições no assunto brasileiro. A língua *neocriolla* é baseada na palavra recolhida, selecionada e alterada de outras línguas; o seu desenvolvimento é centrado na palavra¹¹³. De fato, se pode

111. *Ibidem*, p. 32.

112. Silva, Maurício: *Reforma ortográfica e nacionalismo lingüístico no Brasil*, disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5\(15\)58-67.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5(15)58-67.html), acesso: 18/01/2010.

113. Cf. Habkost, Nestor Manoel: *Entre peinture et langue: l'invention d'un langage dans l'oeuvre de Xul Solari*, Paris, França, École des Hautes Études em Sciences Sociales. Doctorat em Sciences du Langage, 2009, p.44. “La langue néo-créole est basée sur le mot recueilli, sélectionné et modifié d'autres langues; son développement est centré sur le mot.”

inferir que vários dos livros da aquisição de Xul Solar palmilhavam a cultura brasileira primando pelo vocabulário coloquial, pelos falares regionais, pelas palavras exóticas, vocábulos ausentes dos dicionários¹¹⁴. São obras cheias de elementos lingüísticos da tradição “primitiva”, dos mitos, das lendas, as expressões indígenas e africanas. Nelas, percebe-se a oralidade e a dinamicidade da língua portuguesa brasileira na sua peculiaridade de língua mista, aberta, flexível, improvisada, uma língua antropofágica.

Epílogo

“Xul juega con los idiomas”¹¹⁵.

Para Gradowczyk, colecionista e crítico de arte que realizou, segundo considero, o trabalho mais

completo sobre a obra pictográfica do artista, em todos os experimentos de comunicabilidade que atravessa a obra de Xul, aparece a multiplicação do *neocriollo*. O *neocriollo* é o “gran atraçtor de situaciones en variable permanente; todo en Xul parece avanzar sin encontrar del todo la meta”¹¹⁶.

Segundo Daniel Nelson, o *neocriollo* corresponde utopicamente à problemática da criação de um idioma comum para a América Latina. Porém, distante de ser um veículo de comunicação adequado a todos os latino-americanos, é uma língua basicamente eurocêntrica com poucas palavras indígenas e uma ausência total de vocábulos africanos. Daniel Nelson supõe que Xul parecia estar consciente dessas limitações, e ao largo de sua vida trabalhou continuamente para encontrar uma solução relativa à falta de vozes ameríndias no *neocriollo*. Como exemplo disso, cita o fato de que Xul, em 1949, propusera uma palestra sob o título “Las voces tupi-guaraní incorporadas a las lenguas española y portuguesa”, para o Primer Congreso de la lengua guarani-tupí en Montevideo, e ainda em 1961, já nos últimos anos de sua vida, Xul falou da inclusão do guarani ao *neocriollo*. Mas, conclui Daniel Nelson, não há menção direta de Xul a alguma preocupação com

114. Constam ainda da Biblioteca de Xul: *Os mitos africanos no Brasil* (1937) de Souza Carneiro, *Fontes da Cultura Brasileira* (194) de Bezerra de Freitas, *O sincretismo religioso no Brasil* (1941) de Gonçalves Fernandes, *Fabulário de vovô índio* (1935) de Christovam de Camargo *Elementos do folk-lore musical brasileiro*, de Flasino Rodrigues Valle, *Na Rondônia Ocidental*, de Major Federico Rondon; *O reino das mulheres sem lei: ensaios de mitologia amazônica*, de Angelo Guido. *Candomblé da Bahia* de Edison Carneiro.

115. Gradowczyk, M. y Cippolini, R, *Sesión espiritista con Xul Solar*, op. cit., p. 52.

116. Ibidem, p.46.

termos africanos para o seu *neo-criollo*¹¹⁷.

Jorge Schwartz, por sua vez, adverte que é possível afirmar-se que Xul revelara interesse pelas expressões afro-brasileiras, haja vista a seleção de palavras que anotara em *Macunaima*, e mais as diversas fichas de anotações, da década de 1940, com listas de palavras que Xul recolhera aparentemente de dicionários brasileiros, muitas delas reconhecidas como sendo de origem africana¹¹⁸.

De minha perspectiva, creio que pelo número considerável de obras, como vimos ao longo desse artigo, com referência explícita ao negro já no título do livro¹¹⁹ e outras, a exemplo de *Raça e assimilação* de Oliveira Vianna, que abordam o tema racial, incluindo o negro na questão, não nos resta dúvida de que Xul tivera clara “preocupação” com os elemen-

tos de origem africana na composição do Brasil. Xul incorporava em suas buscas, intermináveis, todas as dimensões culturais que se ligassem à idéia de mistura, seja mistura de raças ou mistura de línguas (e o Brasil, como vimos acima, era considerado um caso singular de miscigenação no mundo e na América), em função da sua utopia na construção do homem do amanhã. “Xul fue un utopista del lenguaje y claramente pertenece a esa tradición”¹²⁰. Há aí duas faces da mesma moeda: a utopia de uma nova raça requer a imaginação de uma nova língua. Todas as nações enfrentaram, na construção da unidade nacional, o problema da unidade lingüística.

Para Xul, o “novo homem” sairia da América, já que a Europa estava cansada. Ao admirarmos a obra de Xul, ao nos debruçarmos sobre os estudos de críticos, historiadores, lingüistas, filósofos, jornalistas, literatos, que abordaram a obra de Xul, ao lermos os depoimentos dos contemporâneos, ao acompanharmos a interpretação mais recente de suas *Grafias*, realizada como tese de doutorado na *École des Hautes Études em Sciences Sociales*, em Paris¹²¹, fica-nos a sensação de que de um ponto-de-vista poetográfico¹²² e biográfico, Xul

117. Nelson, Daniel E: “Los San Signos de Xul Solar: El libro de las mutaciones”, en *Catálogo Visiones y revelaciones*, op. cit., pp. 49-69, p. 52-53.

118. Schwartz, *Op. cit.*, p. 5.

119. *O negro brasileiro* de Arthur Ramos, *A influência africana no português do Brasil* de Renato Mendonça, *Os mitos africanos no Brasil* de Souza Carneiro, *Candomblés da Bahia de Edison Carneiro*, *Sincretismo religioso no Brasil* de Gonçalves Fernandes, e mais as anotações sobre *Os africanos no Brasil*, de Nina Rodrigues. No livro *Candomblés da Bahia*, há várias palavras grifadas por Xul (Ôxalá, Ôxosse, Êxu, benzinho, Zé Pequeno, etc., além de algumas frases sublinhadas.

120. Rubione, *op. cit.*, p. 38.

121. Rabkost, *op. cit.*

122. Expressão usada por: Habkost, Nestor: *Poetografía de Ismael Nery Ou das imagens de si*, dissertação de

se projetara em vida como o “homem novo”, um homem total, capaz de integrar os diversos campos do conhecimento, fundamentado numa prática mística, é verdade, que vislumbrava um mundo possível. Xul experimentava ou exercitava esse novo mundo no Pan Klub, com seus convivas, através da língua que falava e escrevia, das suas grafias ou pensiformas para escrever seus aforismos, da nova música que tocava, do jogo que jogava para aprimorar o espírito, da pintura que fazia para dar a ver os mistérios da vida.

Seu *criollismo* é precisamente isso, um “*criollismo* para adelante”¹²³. Sua guerra teve como objetivo, a partir da América, projetar um internacionalismo esteticamente místico. Seu *Drago* de 1927 desliza por sobre o mar, erguendo por sobre a cabeça os símbolos das três grandes religiões, engalanado pelas bandeiras da América Latina, ladeado pelas bandeiras das metrópoles, Itália, França, Inglaterra, Iugoslávia, Espanha, Estados Unidos e Portugal, iluminado pelo sol, a lua, as estrelas e um cometa que cruza o céu, transportando em primeiro plano uma grande personagem de pé, desafiante, sai da América em direção à Europa, não para

dominá-la “invertendo os espaços de colonização e dominação”¹²⁴, mas para levar ao “Velho Mundo” a mensagem do “Novo Mundo”.

Nota

Trabalho realizado durante o estágio de pós-doutorado no Instituto de Altos Estudios de Ciencias Sociales, da Universidad de San Martín, em Buenos Aires, Argentina, com apoio da CAPES/Brasil, em colaboração com o Professor Doutor José Emilio Burucúa, a quem agradeço de coração. Agradeço à diretora do Museu Xul Solar, Elena Montero Lacasa de Povarché, pela disponibilização do acesso aos acervos da Fundação Pan Klub; à Patricia Artundo, curadora do Arquivo e da Biblioteca do Museu Xul Solar, pelo diálogo constante. Agradecimento especial à assistente de pesquisa Teresa Tedin pelo apoio durante a investigação. Agradeço imensamente aos funcionários do Museu Xul Solar, Eugenia Micheletto e Ricardo Salinas, pela constante atenção.



Mestrado em Letras, Florianópolis, 1994.

123. Gradowczyk y Cippolini, *Sesión espiritista con Xul Solar*, p. 51-52.

124. Conforme interpretação de Artundo: *Catálogo Visões e revelações*, op. cit., p. 26.